

A PERSONALIDADE CULTURAL DA REGIONALIZAÇÃO: O CASO DO VALE DOS VINHEDOS

Giovana Goretti Feijó de Almeida
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Resumo

O objetivo deste artigo é investigar o processo de regionalização a partir de uma cultura específica. Busca-se também refletir sobre a dinâmica homogeneizadora da globalização e na forma como esta interage com as fragmentações das regiões, repercutindo no território. A partir desta reflexão, portanto, adota-se como objeto de análise a região do Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul - Brasil. O presente estudo foi de natureza qualitativa, cunho exploratório com uma pesquisa documental a partir da coleta de dados no site do Vale dos Vinhedos. Os resultados apontam que cada região encontra meios diferentes de enfrentar o processo da globalização a partir de suas peculiaridades, tendo a cultura um papel estratégico neste encadeamento.

Palavras-chave: Regionalização, cultura, globalização, território, regiões.

Abstract

The purpose of this article is to investigate the regionalization process from a specific culture. The aim is to also reflect on the homogenizing dynamics of globalization and how it interacts with the fragmentation of the regions, reflecting the territory. From this reflection, therefore, it is adopted as analyzed in the Valley of the Vineyards region of Rio Grande do Sul - Brazil. This study was qualitative, exploratory with a documentary research from data collection in the Valley of the Vineyards site. The results show that every region is different ways to face the globalization process from its peculiarities, and culture a strategic role in this chain.

Key words: Regionalization, culture, globalization, territory, regions.

1 Introdução

A globalização interfere em praticamente todos os setores da sociedade, porém o faz de formas diferentes conforme o desenvolvimento de cada território. Embora uma das tendências desse processo globalizador seja a homogeneização, se percebe que as regiões e os territórios tem buscado a diferenciação a partir de singularidades que lhe são inerentes. Visto sob uma perspectiva mais abrangente, a globalização refere-se ao processo de expansão da hegemonia em diferentes aspectos: econômico, político, social e cultural dos países. É impulsionada, principalmente, pela abertura dos mercados baseados nas dinâmicas reguladas pelo capitalismo e pela livre competição em nível global de grandes empresas transnacionais e governos do mundo todo. Contudo, os territórios ao absorverem

o impacto da globalização interagem de maneiras diferentes com essa força global e esta com as fragmentações das regiões.

A globalização remete a termos como economia de mercado, aldeia global, flexibilização de capital, blocos econômicos internacionais, relações comerciais e financeiras entre países, multinacionais, transnacionais, internet, vantagens e desvantagens, entre tantos outros (ORTIZ, 1984; McLUHAM, 1998; HARVEY, 1992; IANNI, 1999). O processo global permite que se realize qualquer atividade por meio de uma rede de conexões que encurtam distâncias e facilitam as relações econômicas e culturais.

Nesse caso, questiona-se até que ponto a facilitação entre culturas de fato ocorre e o processo avassalador com que o capitalismo tem modificado não somente a sociedade, mas também os recursos naturais em busca de cada vez mais lucro. Como as regiões podem reagir frente a globalização? E qual a repercussão que causa no território? Essas indagações levam a pensar como as regiões estão organizadas e qual o papel que a cultura exerce nesses territórios. Assim como, o conjunto de atores sociais estratégicos que estão envolvidos nessa articulação em diferentes escalas.

Para compreender este processo complexo global-regional se faz necessário compreender os conceitos de região, território e regionalização em tempos de globalização e as repercussões que causam aos territórios. O objetivo deste artigo é investigar o processo de regionalização a partir do aspecto cultural regional, compreendendo o processo integrador da globalização frente as forças de fragmentação das regiões. Busca-se refletir sobre a dinâmica homogeneizadora da globalização e na forma como esta interage com as fragmentações das regiões. A partir desta reflexão, portanto, para este estudo adota-se a região do Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul - Brasil, como objeto de análise. O presente estudo foi de natureza qualitativa, cunho exploratório e documental, a partir da coleta de dados no site do Vale dos Vinhedos.

2 O efeito bumerangue do processo de globalização

O processo de globalizar o mundo remete a dissolução das fronteiras, abertura de mercados internacionais, estados-nações, a disseminação da informação e da comunicação e também a uma padronização cultural do planeta em uma aldeia global. Segundo McLuhan (1998), as novas tecnologias eletrônicas, responsáveis por encurtar distâncias e o progresso tecnológico, tendem a reduzir todo o planeta a uma aldeia. Essa redução parte da visão de

um mundo no qual todas as pessoas e organizações estariam interligadas de alguma forma, conectadas via rede, derivando a expressão aldeia global.

Não somente a tecnologia, mas também as redes técnicas e o avanço do transporte (HARVEY, 1992; SANTOS, 1999) possibilitaram uma flexibilidade maior no fluxo de informações e de pessoas, contribuindo para a ideia de uma homogeneização do planeta. Nesse sentido, a globalização gera um crescente aumento de possibilidades de comunicação e interação entre pessoas e suas culturas, conectando-as a um nível jamais visto.

Entretanto, a forma como se imaginou que a globalização iria uniformizar o mundo desencadeou uma espécie de efeito bumerangue (ROTHBERG, 2005), no qual há uma interação (às vezes pacífica, outras conflituosa) entre global e regional, fazendo com que os territórios reajam à dinâmica globalizadora. Ainda que o mundo pareça resumir-se a uma aldeia única e uniforme, há uma grande heterogeneidade entre os territórios, aparecendo as peculiaridades e singularidades das regiões.

Uma dessas diferenças encontra-se no aspecto cultural que é inerente a história e cotidiano de cada região. Torna-a única dentro de um contexto global. Não somente os aspectos geográficos como o clima ou paisagens a singularizam, mas toda uma gama de dimensões que articuladas lhe conferem peculiaridades regionais. Desta forma, a realidade apresenta-se com uma complexidade muito maior do que pensar o mundo, por exemplo, sob a visão de uma única cultura ou uma padronização cultural.

Utiliza-se na contemporaneidade com certa frequência as expressões "no mundo globalizado em que se vive" ou "em todo o lugar do mundo é assim". Entretanto, estas se aproximam mais de expressões cotidianas do que de certezas absolutas. De acordo com Ghemawat (2012) alguns dados chamam a atenção: 90% dos habitantes do planeta jamais deixaram o país em que nasceram; apenas 2% das ligações telefônicas são internacionais; somente 2% dos estudantes universitários estão em universidades fora de seu país; 95% das pessoas se informam pela mídia do próprio país; apenas 3% da população mundial vive fora das fronteiras de origem; menos de 1% das empresas norte-americanas têm operações fora dos EUA e as exportações mundiais correspondem a apenas 20% do PIB do planeta. O que se mostra contraditório ao considerar todas as possibilidades que a globalização oferece em termos de homogeneização.

Também se traz a reflexão de que há aspectos tanto positivos quanto negativos na globalização. Dos positivos pode-se referir-se a toda essa flexibilização de comunicação e informação e dos transportes e redes técnicas. Em termos negativos, há a falta de acesso a

informação e a tecnologia pelos menos favorecidos economicamente; a instabilidade econômica que causa no mundo e que atinge rapidamente outros países; a dependência dos países uns com os outros, pois estes já não são mais isolados, os contágios por epidemias que podem se alastrar pelo globo (SANTOS, 1999; IANNI, 1999; HARVEY, 1982). Enfim, nesse processo globalizador nada ocorre de forma isolada, pois tudo está inserido em uma dinâmica conectada a uma rede mundial que compartilha informações, ao mesmo tempo em que inclui e exclui as pessoas.

2.1 A integração entre as múltiplas dimensões da regionalização

Os processos de globalização tem a tendência de cada vez mais padronizar a sociedade em rede ao contrário da proposta em uma sociedade territorial e regionalizada, as quais se vinculam às identidades regionais a partir de suas singularidades. "As regiões são o suporte e a condição de relações globais que de outra forma não se realizam. Agora [...] é que não se pode deixar de considerar a região, ainda que reconhecemos como um espaço de conveniência mesmo que a chamemos por outro nome" (SANTOS, 1999, p. 196). Ainda segundo Santos (1999), as regiões não são áreas estáveis, mas constituídas por uma área territorial contígua, assim como por redes técnicas e fluxos de informação que elas mesmas criam e alimentam a partir de sua diversidade regional e especificidades.

Portanto, uma região é mais do que uma simples divisão política ou geográfica, é um recorte a partir de um campo de representações, as quais Haesbaert (2010) se refere como artefato e Santos (1999), como áreas contíguas. Assim sendo, a região incorpora a multiplicidade de complexos sistemas que evidenciam arranjos espaciais contemporâneos e os processos de regionalização. Nesse sentido, a globalização reforça a dinâmica regional ao invés de promover o fim das regiões, propondo novas formas de regionalização que visam manter uma identidade regional. É um processo contrário à homogeneização, no qual os fluxos e a instantaneidade dos eventos ressaltam a configuração da região, tornando-a especializada a partir das necessidades globais de produção e consumo.

A regionalização pode variar de acordo com os interesses que estão em jogo, corroborando com a ideia de Raffestin (1993) de que os territórios são espaços de jogos de poder dos diferentes atores que os constituem. De acordo com Haesbaert (2010), a região passa a ser vista como um espaço-momento, no qual as singularidades que lhe conferem diferenciação resultam de articulações em formato de uma complexa rede de relações, cujo controle ocorre por meio de seus atores estratégicos. As quais ainda integram e interagem

com as múltiplas dimensões da regionalização (social, econômica, política, cultural) e da própria globalização. Duas forças opostas que se mantêm alimentadas uma pela outra, tendo a regionalização um caráter diferenciador.

3 Regionalização e cultura: criando diferenciais

De uma forma geral, regionalizar leva a se pensar na divisão das regiões, conforme suas semelhanças e características em comum. Para Haesbaert (2010), regionalizar remete a recortar o espaço ou nele traçar linhas, na acepção de orientação. Vários podem ser os recortes regionais: localização geográfica; aspectos políticos, sociais, históricos, culturais e econômicos; clima; interesses singulares em comum; dentre outros. Dessa forma, não há uma delimitação única para uma região, mas várias regiões que se constituem e se desconstituem conforme a articulação de interesses em comum.

Segundo Santos (1999, p. 16), "a região continua a existir, mas com um nível de complexidade jamais visto pelo homem. Agora, nenhum subespaço do planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, de individualização e regionalização". Sob esta perspectiva as regiões se posicionam no processo contraditório do capitalismo. Ao comportar formas e distintos conteúdos no modo de produção, as regiões fomentam diferenças na forma como produzem.

Quanto mais influências externas mais as regiões se tornam singulares, ou seja, únicas (SANTOS, 1999). Assim a região torna-se uma importante categoria de análise que para ser analisada requer à compreensão de como é seu dia-a-dia, suas relações internas e externas, suas peculiaridades e seus arranjos locais em constante mudança, considerando a totalidade do fluxo no qual está inserida dentro de um jogo de relações entre o externo e o interno, ou seja, o conjunto de relações que fará com que um mesmo processo mundial de produção tenha diferentes resultados conforme cada lugar ou região (SANTOS, 1999; RAFFESTIN, 1993).

Faz-se necessário também ressaltar que região, regionalização e regionalidade possuem concepções diferentes. A primeira refere-se a uma entidade geográfica concreta. Já a regionalização remete a um processo de diferenciação e/ou de recorte do espaço em partes coesas ou articuladas. E, por último a regionalidade, enquanto propriedade do "ser" regional (especialmente em sua dimensão simbólica e vivida) enfrentam hoje, em um mundo globalizado, reconfigurações que atestam uma crescente complexidade em termos do seu

desenho espacial e do entrecruzamento dos sujeitos e dimensões que as constroem (HAESBAERT, 2010).

Há várias dimensões no contexto da regionalização, ficando evidente que sua articulação ocorre mais em uma ou mais dimensões. Dessa forma, o aspecto cultural pode ser o principal responsável pela diferenciação da regionalização. Contudo, não é o único ou o mais importante. Cada região interage de distintas formas com essas dimensões conforme seus interesses coletivos e regionais.

A cultura, uma dessas dimensões, remete um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, passados de geração em geração. Uma das características da cultura é a capacidade adaptativa que faz com que os indivíduos respondam ao meio de acordo com mudança de hábitos e a sua capacidade cumulativa que faz com que as mudanças trazidas por uma geração passem à geração seguinte, aonde vai se transformando perdendo e incorporando outros aspectos procurando assim melhorar a vivência das novas gerações (WILLIAMS, 2000).

Quando se trata de falar em cultura, se faz presente a tradição, ou seja, elementos culturais que estão presentes nos costumes e fazeres que são oriundos de uma herança do passado. De uma forma mais abrangente, a tradição é um produto do passado que é aceito (muitas vezes com adaptações) e está atuante no presente, tendo ligações com a cultura e o folclore. Constitui-se em um conjunto de práticas e valores que estão enraizados nos costumes da sociedade, cada qual com sua particularidade (HOBBSAWN, 1984).

Esse encadeamento de distintas dimensões é articulado por cada região conforme seu cotidiano e interesses coletivos. Contudo, percebe-se que o aspecto cultural e o econômico interligam-se e regionalizam os espaços territoriais, conferindo-lhes peculiaridades. Um desses casos é o da região do Vale dos Vinhedos.

4 Repercussões no território do Vale dos Vinhedos

O Vale dos Vinhedos localiza-se na Serra Gaúcha, Brasil (FIGURA 1; FIGURA 2). Sua área é de 81,23 km² e compreende uma maior parcela rural, ficando ao município de Bento Gonçalves a maior parte das terras na delimitação. Valduga (2012) salienta que a nomenclatura serra não deveria se aplicar geograficamente àquela região, pois se trata de uma encosta de planalto. Contudo, a expressão "serra gaúcha" que remete àquela região

Figura 2 - Localização Vale dos Vinhedos no Rio Grande do Sul e serra gaúcha



Fonte: <http://www.valedosvinhedos.com.br/vale/conteudo.php?view=99&idpai=138>

Devido a sua localização geográfica, o Vale possui belas paisagens e um clima propício para o cultivo de uvas. É uma região turística, que busca a fidelização pela hospitalidade de seus moradores e qualidades dos serviços e produtos que oferecem. A Associação Aprovale busca qualificar essa hospitalidade com cursos sobre o assunto, fazendo da hospitalidade um negócio lucrativo. O Vale dos Vinhedos possui um logotipo que lhe atribui o *status* de marca (Figura 3), posicionando-o em mercados de diferentes escalas (local, regional, nacional e global). Demonstra-se, desta forma, o aspecto homogeneizador da globalização através do capitalismo, confirmando a visão de Mueller (2007) de que se vive em um sistema o qual transforma tudo em mercadoria e a de Harvey (1992) que ressalta o caráter de flexibilização do fluxo de capital e também a questão de tudo estar conectado globalmente em uma rede de interesses globais.



Figura 3 - Logotipo Vale dos Vinhedos



Fonte: <http://www.valedosvinhedos.com.br>

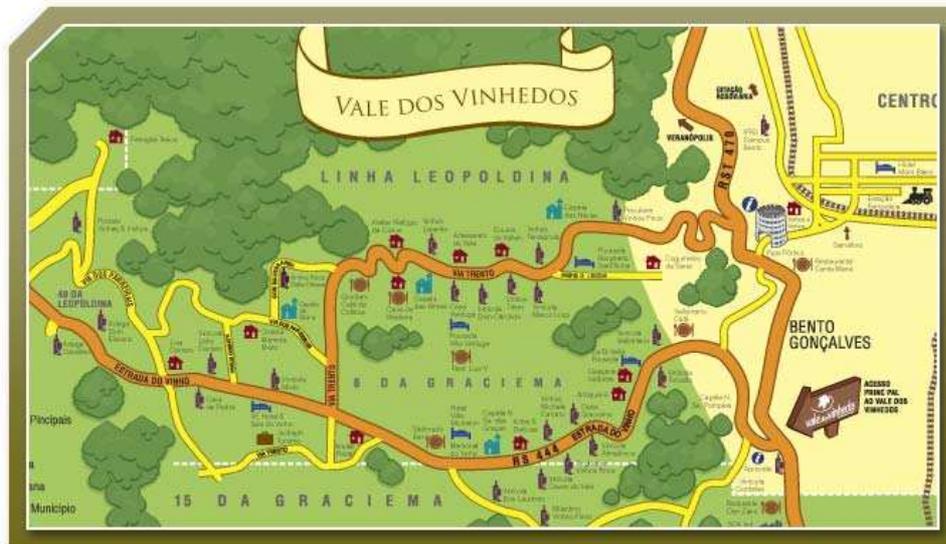
A organização do Vale ocorre a partir de propriedades rurais menores que dividem o território com vinícolas de portes distintos, desde cantinas familiares, boutiques e de garagem, assim como grandes empresas que possuem parcerias internacionais. As vinícolas e atrações situadas no Vale estão abertas à visitação durante todo o ano, podendo ser realizadas visitas guiadas, degustações comentadas e jantares harmonizados. Ainda há uma variedade de oferta turística em hotéis, pousadas, restaurantes, bistrôs, ateliês de arte, armazéns de queijos, doces e geleias coloniais e *gourmet* estão distribuídos em toda a rota que apresenta várias outras atrações (VALE DOS VINHEDOS, 2015).

Além desta estrutura turística e empreendedora (FIGURA 4), segundo a Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos¹ (APROVALE, 2015), os vinhos produzidos no Vale dos Vinhedos são os únicos, até o momento, a obterem a Denominação de Origem, no Brasil, certificada pelo Instituto Nacional de Propriedade Intelectual² (INPI, 2015). Os atores estratégicos regionais utilizam essa informação como argumento diferenciador dos produtos que produzem e comercializam. Sendo também, uma forma da região interagir com a globalização sem deixar de evidenciar suas particularidades regionais.

¹ A APROVALE é uma associação, fundada em fevereiro de 1995, que busca promover o desenvolvimento sustentável do Vale dos Vinhedos através do enoturismo, da integração entre os associados e a comunidade.

² Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), criado em 1970, é uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), responsável pelo aperfeiçoamento, disseminação e gestão do sistema brasileiro de concessão e garantia de direitos de propriedade intelectual para a indústria.

Figura 4 - Vale dos Vinhedos



Fonte: www.valedosvinhedos.com.br

Considera-se indicação de procedência "o nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território que tenha se tornado conhecido como centro de extração, produção ou fabricação de determinado produto ou de prestação de determinado serviço" (INPI, 2015). Já a denominação de origem refere-se ao "nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território, que designe produto ou serviço cujas qualidades ou características se devam exclusiva ou essencialmente ao meio geográfico, incluídos fatores naturais e humanos" (INPI, 2015). Nota-se que ambas as certificações brasileiras (Indicação de Procedência e Denominação de Origem) fazem referência ao território.

Segundo Lages (2004), a qualificação do *terroir*, liga o produto ao local, permitindo também o reconhecimento dos produtos locais no mercado mundial, garantindo aos consumidores a qualidade do produto e sua tipicidade, sendo essa certificação compatível com as regras do mercado mundial. Portanto, as certificações são uma forma de se estar inserido nos processos da globalização, ao mesmo tempo em que são canais que evidenciam as singularidades regionais. O que se percebe é que duas forças (globalização e regionalização), aparentemente opostas, negociam uma integração entre si, ou seja, uma forma de conviverem integrando a várias dimensões (política, econômica, cultural e social).

A região, segundo a APROVALE (2015), também foi a primeira no país a ser reconhecida como Indicação Geográfica (IG), sendo garantida à APROVALE a origem dos vinhos finos lá produzidos. Sendo esta informação e certificação uma estratégia importante

de competitividade frente à concorrência em suas múltiplas escalas: local, regional, nacional e global.

Depois da criação da Aprovale, em 1995, o turismo no Vale dos Vinhedos cresceu vertiginosamente. A cada ano, novos investimentos são feitos para melhorar e ampliar a estrutura de atendimento ao visitante. Hoje, a região oferece, além de dezenas de vinícolas, hotéis, pousadas, restaurantes e queijarias, além de moda em couro e artesanato (VALE DOS VINHEDOS, 2015).

No site do Vale dos Vinhedos (2015), podem ser encontradas inclusive informações sobre a história da vinda dos imigrantes italianos, desde 1975 (VALDUGA, 2012). Também reforça em seu material institucional que o roteiro turístico do Vale preserva na contemporaneidade inúmeros capitéis (igrejas) que traduzem a religiosidade do povo que colonizou a região. No site consta que "visitar o Vale dos Vinhedos é penetrar no coração da história italiana e vivenciar, através dos monumentos e do ambiente sugestivo, um passado relativamente jovem" (VALE DOS VINHEDOS, 2015).

Isto posto, se percebe a presença do esforço em evidenciar duas polarizações: uma cultura italiana cristalizada no tempo da chegada dos primeiros imigrantes e uma tecnologia moderna (de ponta) que atesta a qualidade e aprimoramento do produto que elaboram, assim como sua distribuição no mercado de vinhos. Entretanto, embora a globalização esteja presente nesta região, tornando-a competitiva em diferentes escalas (local, regional e global), há também um enfrentamento da região frente a esse processo integrador e homogeneizador oriundo da globalização.

Ao criar e realçar suas características culturais peculiares, o Vale dos Vinhedos elabora, através de seus atores sociais estratégicos (vinícolas, poder público, moradores, empresas) uma personalidade cultural que o torna único e também competitivo regional e localmente. Desta forma, as forças de fragmentação desta região reagem à dinâmica globalizadora, fazendo ambas interagirem uma com a outra. Sendo seu *terroir* uma vantagem competitiva importante para a região do Vale dos Vinhedos.

4.2 Terroir: a fragmentação de uma região

De acordo com Lages (2004, p. 17), *terroir* é um conceito que está intrinsecamente associado a "território [...] delimitado por especificidades agro-sistêmicas (próprios do modo de produzir) [...], em que o modo de fazer e de produzir do lugar relacionam-se aos demais elementos do meio ambiente e assumem caráter de singularidade, justificando certificações

próprias". Território aqui compreendido como um espaço que revela relações de poder ou uma rede de relações sociais que se prolongam no espaço (RAFFESTIN, 1993). Sendo o território construído historicamente e remetendo a diferentes perspectivas e escalas. Os *terroirs* possuem um conjunto de singularidades únicas, sendo o clima um de seus aspectos.

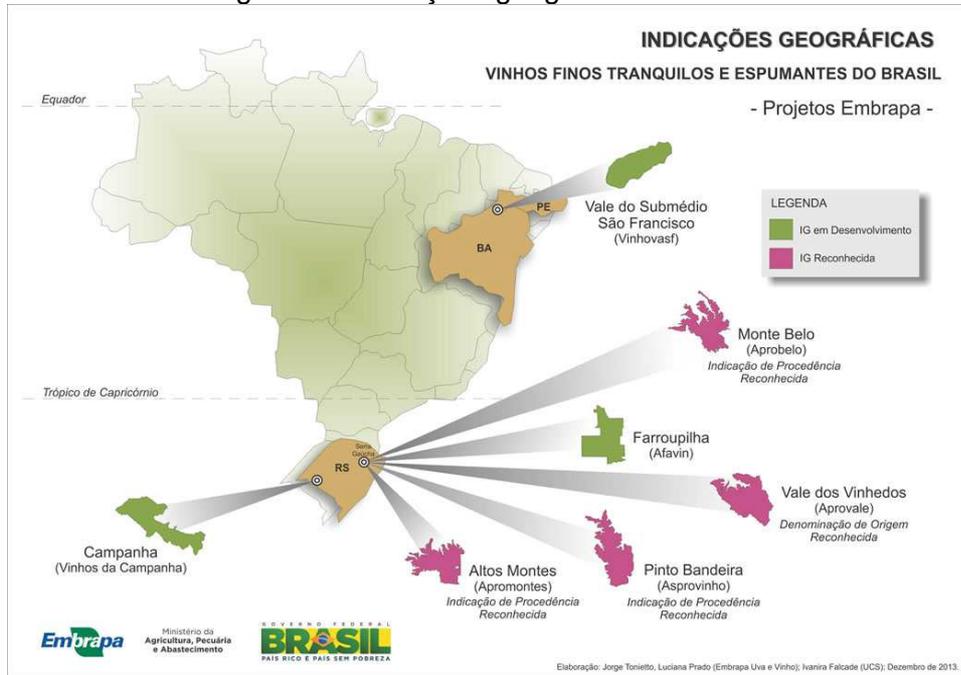
A primeira região do Brasil, segundo a APROVALE, a ser oficialmente reconhecida como Indicação Geográfica (IG) foi o Vale dos Vinhedos que traz em si características únicas de solo, clima e topografia que, somados à cultura local, resultam em uma região ímpar no mundo. Esta singularidade também está presente nos vinhos que ali produzem. A partir de 2002, os rótulos dos vinhos são elaborados dentro das normas estabelecidas pela APROVALE - Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos - em parceria com a empresa brasileira de pesquisa agropecuária³ - EMBRAPA, que recebem o selo de Indicação de Procedência (FIGURA 5).

Em 2010, esta certificação evoluiu para Denominação de Origem (DO), onde somente os vinhos do *terroir* do Vale dos Vinhedos detêm o direito de ostentar esta classificação. As normas envolvem tanto a variedade e o cultivo das uvas quanto à elaboração dos vinhos (VALE DOS VINHEDOS, 2015). A história do Vale dos Vinhedos contribuiu para que a região obtivesse essa certificação.

³ A EMBRAPA foi criada em abril de 1973 e é vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.



Figura 5 - Indicações geográficas do Brasil



Fonte: <http://www.sobrevinho.net/elaboracao/diferenca-entre-denominacao-de-origem-e-indicacao-de-procedencia>

A viticultura (cultura das vinhas) no Rio Grande do Sul apareceu por volta dos anos de 1620 e desapareceu quando as missões jesuíticas foram destruídas pelos bandeirantes paulistas. Já na metade do século XVIII houve uma segunda experiência vitivinícola, por meio da imigração açoriana no litoral gaúcho que não obteve sucesso devido à região litorânea ser baixa e úmida. Porém, foi com a chegada dos imigrantes italianos que o interesse pela viticultura se renovou (VALE DOS VINHEDOS, 2015), sendo este vinho produzido por eles de consumo doméstico.

No início do século XX, a produção de vinho cresceu até o ponto em que os mercados local e regional foram insuficientes para absorver toda a oferta, sendo preciso buscar novas saídas para o excedente. A primeira expansão se deu na comercialização nacional do vinho gaúcho em São Paulo-SP. A partir daí, a colônia italiana pôde expandir a produção vitivinícola e passou a fornecer vinhos a outros Estados brasileiros. Em 1928, por obra da visão de Oswaldo Aranha, Secretário da Fazenda, foi oficializado o Sindicato do Vinho (VALDUGA, 2012). Este tinha por objetivo, além de congrega e defender os interesses dos vitivinicultores, intervir no setor como órgão regulador da oferta e da procura, mantendo, assim, a ordem dos preços e da qualidade (VALE DOS VINHEDOS, 2015).

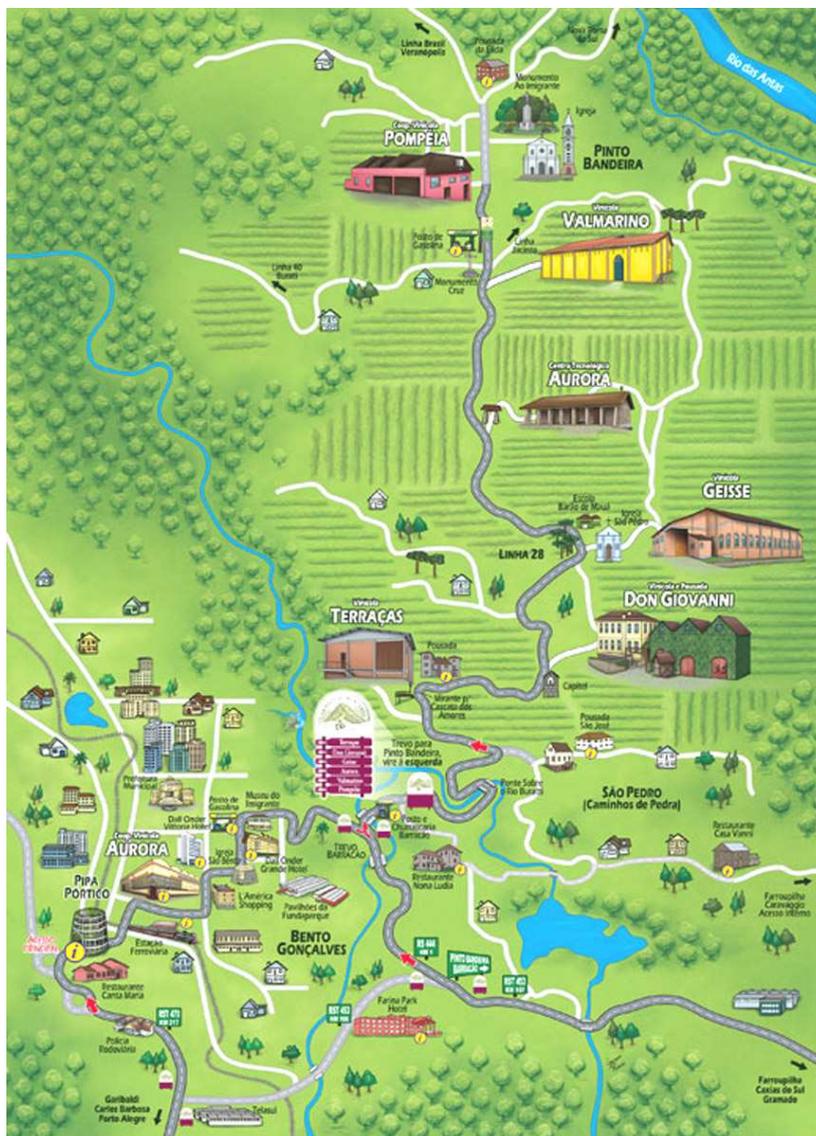
Em 1929, foi criada a Sociedade Vinícola Riograndense Ltda, órgão comercial do Sindicato do Vinho, que atuava no sentido de melhorar a imagem, a reputação e a cotação do vinho gaúcho no Rio de Janeiro-RJ e em São Paulo-SP. A reação dos colonos à Sociedade Vinícola Riograndense levou ao surgimento de cooperativas vitivinícolas em toda a região, entre elas a Forqueta, a Aurora e a Garibaldi. A formação de cooperativas levou a uma expansão da vitivinicultura, criando competição e estimulando o crescimento e o aperfeiçoamento do setor. Em 1967, foi fundada a União Brasileira de Vitivinicultura – a UVIBRA – que é a entidade de classe que reúne e congrega as empresas e entidades setoriais da vitivinicultura do país (VALE DOS VINHEDOS, 2015).

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pela entrada de empresas internacionais como Chandon, Maison Forestier, Martini, National Distillers, Chateau Lacave, Welch Foods (Suvalan), entre outras, na produção e comercialização de vinhos e sucos. Foi um período de adaptação das variedades viníferas, de crescimento na comercialização do vinho fino, com investidas no mercado externo, principalmente com os sucos. E a partir dos anos 90, a tecnologia se disseminou entre o setor vitivinícola gaúcho, chegando até as pequenas vinícolas (VALDUGA, 2012).

Estas vinícolas começaram a controlar as fermentações, a utilizar leveduras e enzimas e usar tanques de aço inoxidável. Foi uma década marcada também pelo fortalecimento de vinícolas familiares. Estas deixam de vender sua uva para as grandes vinícolas e passam a utilizá-la para fazer seu próprio vinho e comercializá-lo (VALE DOS VINHEDOS, 2015).

Na figura 6, pode-se ver a disposição das vinte e seis vinícolas associadas que compõem o Vale dos Vinhedos.

Figura 6 - Vinícolas do Vale dos Vinhedos



Fonte: http://3.bp.blogspot.com/-TavlyjgIClg/UN26vpR19cl/AAAAAAsN8/puzC7w2hsgM/s1600/Mapa_Vinhedos_Bento_Goncalves.jpg

Conforme Lencioni (1999, p. 195) ressalta, "[...] a análise regional procurou superar a investigação da dinâmica econômica ou da estrutura social da região, tentando compreender como o homem se coloca em relação à região e, nesse sentido, procurando analisar os aspectos estrutural, funcional e subjetivo da região. [...]" Todos esses aspectos interagem uns com os outros, conferindo a região particularidades que a tornam única e dessa forma, consegue reagir frente ao processo homogeneizador do global. Sob este

prisma se confirma que as regiões são não são áreas estáveis, conforme salientado por Santos (1999), mas áreas complexas nas quais há um grande fluxo de informações.

O que se percebe na forma como se estabelece a regionalização no Vale dos Vinhedos é que a globalização permeia a região, transformando-a economicamente. Nesse sentido, se traz a reflexão de Harvey (1992) sobre a flexibilização do fluxo de capital e a força com que transforma as regiões conectando-as também a uma rede de interesses globais. Essa conexão pode ser conflituosa conforme os interesses regionais. Contudo, há uma ação e uma reação (conflituosa ou não) por parte da região frente ao global. Porém, a região contrapõe-se fortalecendo sua identidade cultural, corroborando com Lencioni (1999, p. 198), de que é "importante [...] observar que o pensamento pós-moderno não rejeita a história, mas recupera uma história como tradição cultural".

Dessa forma, a tradição da cultura italiana enraizada no Vale do Vinhedos é singular naquela região e a posiciona frente ao global de forma diferenciada. Ao adquirir as certificações de seus produtos, o Vale interage com a globalização, ao mesmo tempo, em que articula suas peculiaridades culturais através de seus atores sociais estratégicos, trazendo um diferencial para aquela região, usando assim uma particularidade frente à globalização.

5 Considerações finais

Os resultados apontam que cada região encontra meios diferentes de enfrentar o processo da globalização a partir de suas peculiaridades, tendo a cultura um papel estratégico neste encadeamento, assim como os atores relevantes que são os articuladores nessa personalização cultural regional. Entretanto, não é somente a cultura que atua na regionalização, se faz presente às demais dimensões que integram e interagem com um conjunto de estratégias que buscam diferenciar a região para que esta possa enfrentar o processo global contemporâneo.

Desta forma, este artigo tentou compreender o processo de globalização a partir de uma região que possui uma cultura específica e que a enaltece em suas estratégias, como a região do Vale dos Vinhedos. Buscou-se também trazer elementos que tiveram o intuito de entender o processo integrador da globalização frente as forças de fragmentação das regiões. Nesse sentido, se percebe que o global e o regional interagem entre si em uma relação de jogo de forças. Um não anula o outro, mas ambos se alimentam um do outro.

Constata-se que a regionalização pressupõe a articulação não só de seus atores, mas também entre suas múltiplas dimensões, gerando uma interligação e vinculando, principalmente, o cultural ao econômico e vice-versa. O processo de regionalização a partir de uma cultura específica ocorre, portanto, dessa relação entre suas dimensões e conforme os interesses coletivos das regiões. Estas articulam seus interesses, adaptando suas singularidades à globalização e dessa forma, ressaltam suas peculiaridades regionais.

Contudo, não há como as regiões ficarem à parte desse processo globalizador, visto que as fragmentações das regiões abastecem a própria globalização em um movimento contraditório e integrador. O grande desafio é o de administrar todos os atores ou pelo menos aqueles que são mais estratégicos junto e que promovem o desenvolvimento da região.

REFERÊNCIAS

APROVALE. Site institucional da Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos. Disponível em < <http://www.valedosvinhedos.com.br/vale/conteudo.php?view=44&idpai=120>>. Acesso em: 30 mai. 2015.

GHEMAWAT, Pankaj. **Mundo 3.0**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HAESBAERT, Rogério. **Regional Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

INPI. Site institucional do Instituto Nacional de Propriedade Intelectual, 2013. Disponível em: < <http://www.inpi.gov.br>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

LAGES, Vinícius. **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1998.

MUELLER, Charles. **Os economistas e as relações entre o sistema econômico e o meio ambiente**. Brasília: Editora Universidade Brasília, 2007.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.



RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROTHBERG, Danilo. **O FMI sob ataque**: recessão global e desigualdade entre as nações. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: espaço e tempo: razão e emoção. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

VALDUGA, Vander. O desenvolvimento do enoturismo no Vale dos Vinhedos - RS/BRASIL. In: **CULTUR** - Revista da Cultura e do Turismo. Ano 06 - nº 02 - Jun/2012. Disponível em <<http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano6-edicao2/8.enoturismo.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

VALE DOS VINHEDOS. Site institucional da associação dos produtores de vinhos finos do Vale dos Vinhedos. Disponível em <www.valedosvinhedos.com.br>. Acesso em: 05 mar. 2015.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.